

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS**

**Análise da adaptação de *Oito e Meio* de Fellini feita por Rob Marshall no
filme *Nine***

***The Analysis of adaptation from Fellini's Eight and a Half to Rob
Marshall's Nine***

Carolina Bassi de Moura (Mestrado em Artes Cênicas, Escola de
Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo)

Carolina Bassi de Moura é graduada em Comunicação Social – Hab. em Rádio e TV pela UNESP e atua em Direção de Arte em Cinema e Teatro. É mestranda pelo Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da USP desenvolvendo a pesquisa “A Construção Plástica dos Personagens Cinematográficos” a partir da obra do diretor italiano de cinema Federico Fellini.

São Paulo, 29 de abril de 2010

Resumo

O artigo analisa o filme *Nine*, adaptação feita por Rob Marshall do filme *Oito e Meio* de Federico Fellini. Entende a construção plástica dos personagens nos dois filmes, considerando enredos, relação entre personagens, estilo dos diretores, origem e época em que foram realizados. Verifica a importância da poética da imagem na visualidade de uma idéia.

Palavras-chave: Federico Fellini. Personagem. *Nine*.

Abstract

The article analyses *Nine*, the adaptations made by Rob Marshall from Federico Fellini's *Eight and a Half* film. The author understands the character plastic construction in one film and in other, considering stories, relation between the characters, directors stile, original country and when these films were made. This article verifies the importance of poetic of image on visuality of an idea.

Keywords: Federico Fellini. Character. *Nine*

Assistir ao filme *Nine* (2009), do diretor Rob Marshall, uma declarada homenagem ao diretor italiano Federico Fellini, através de adaptação de seu filme *Oito e Meio* (1963), é como assistir a um desfile videoclíptico de lindas mulheres. Mesmo sendo lindas e excelentes atrizes, afiguram-se como treinadas por um profissional da coreografia da música pop internacional nas cenas musicadas, ao estilo da cantora norte-mericana Beyoncé. Do desconforto dessa inadequação, surge uma lacuna aparentemente intransponível: fazer um filme do gênero musical homenageando Fellini sem a genialidade do maestro Nino Rota, marca registrada na trilha sonora de suas produções. As músicas dançantes são muito próximas de ritmos atuais.



Cena do musical *Nine*

Fellini possuía o dom de criar obras profundas, complexas, cheias de camadas interpretativas. Ainda assim, não soava pedante, agradava ao gosto popular. Não só por abordar assuntos que são do homem, universais, mas pelo contar leve, próximo e cômico, muitas vezes.

Não entender uma obra tão diversa quanto a de Fellini não é fato incomum. O tom de seus filmes muitas vezes não foi compreendido: foi tido como exagerado, fora de propósito, às vezes até cafona. Mas isso justamente para aqueles que não se deixam envolver por histórias que não se contam na mesmice, que desconhecem a linguagem da poesia. Não se pode deixar de citar os muitos que hoje em dia nunca foram ao circo. Um ou outro vai ao teatro, mas não são a regra.

O filme de Marshall baseia-se em *Oito e Meio* (1963), nono trabalho do diretor italiano, estrelado por Marcello Mastroianni, Anouk Aimée e Sandra Milo. Nele, Guido Anselmi, o protagonista interpretado por Marcelo, é um cineasta que está a poucos dias de começar a rodar seu filme. Ele não consegue sequer escrever o roteiro e sofre todo tipo de cobrança de sua equipe até o impasse

final. Em meio à perseguição sofrida por jornalistas, assistentes e produtores, a pressão aumenta com o confronto entre sua esposa e sua amante. Em *Nine*, salva-se a atuação brilhante do ótimo elenco escolhido para a película. Ainda que se fique com uma sensação bastante diferente da que se tem assistindo a *Oito e Meio*.

No original, quando tudo parece mesmo perdido, vemos a partir da aparição do mágico Snaporáz, os personagens da vida de Guido (considerado alter ego de Fellini), entrando em cena, num picadeiro, como os legítimos personagens que ele, desde o princípio, entendia fazerem parte de seu filme. Vê-se também, puxando a fila de personagens, alguns palhaços que tocam cornetas e um menino – que, não por acaso, é o regente/diretor do show e o último a sair de quadro, quando as luzes se apagam. Isto é o circo! Esta é a metáfora do cinema de Fellini, e da confusão que sinceramente se confessa (em imagem e texto nesta cena), com uma pureza infantil até, na maneira de contar a sua visão do mundo e na sua maneira de vivenciá-lo. Há uma atmosfera absolutamente onírica e não sabemos se ele, Guido, voltou atrás e realizou, ou não, o filme afinal de contas. Mas isso não é o mais importante. Sabemos que idealmente ele realizou – tudo o que ele buscava traduzir em imagem durante todo o filme é dito com esta cena final.



Marcello Mastroianni, como o diretor Guido Anselmi, em cena final de *Oito e Meio*

Rob Marshall se esforça em manter este clima quando coloca na última sequência, com Guido em estúdio, a entrada inesperada e triunfal de todos os personagens anteriormente apresentados no filme. Na proposta de Marshall, eles posam como dançarinos da Broadway, não têm a simplicidade genuína do circense, a simplicidade intentada pelo diretor de *Oito e Meio*. A figura do

menino (o ímpeto rebelde, impulsivo e criativo) também está presente e talvez seja a melhor de todas as referências feitas ao original.

O papel da esposa de Guido desempenhado por Marion Coutillard, antes interpretado por Anouk Aimée, é digno, forte, contundente, mas tendencioso ao tentar misturar vida e obra de Fellini – Giulietta Masina e Luisa Acari, respectivamente – de forma leviana, o que além de tudo não existe no primeiro filme. A Luísa de *Nine* (diferentemente da de *Oito e Meio*, que embora mantenha postura crítica, não nos dá subsídios para identificá-la profissionalmente), é parceira criativa de Guido (como Giulietta era de Federico), consultada para tudo e respeitada criativamente, inclusive pela equipe. Ela não só é atriz, como é também estrela do filme que lança a carreira do marido, Guido – referência explícita ao filme *La Strada* e aos filmes da primeira fase de Fellini.

A crise do casal nas duas versões também parece diferente. Em *Nine*, despercebidamente o diretor age como um sedutor barato com todas as atrizes do teste, de maneira igual. Assim, sua esposa, como uma de suas atrizes mais antigas, reconhece neste teste a mesma fala, o mesmo gesto, a mesma sedução antes dirigida a ela quando se conheceram, trabalhando juntos, e que ela julgava ter sido única e especial. Aqui o que fere é a banalização do gesto e do sentimento. A “traição”, assim, é vista, e seu prolongamento é sugerido, a partir da banalização desse gesto de carinho e admiração.

Em *Oito e Meio* a esposa se magoa com a exposição da intimidade do casamento e da deterioração da relação. O diretor aqui quer colocar na película suas angústias pessoais, as questões de sua vida privada, material humano a ser trabalhado pelo cinema. Importa muito pouco a relação do diretor com as várias atrizes em si, mas, sim, o papel que elas representam em cena – uma delas, “a esposa” e todas as outras, “a amante”. Aqui “a traição” é encenada e reconhecemos os personagens da esposa e da amante por seus figurinos, códigos pré-definidos: a roupa espalhafatosa de uma e os óculos intelectuais da outra.

O papel de Nicole Kidman corresponde ao de Cláudia Cardinale, mas, ao mesmo tempo, tenta remontar ao de Anita Ekberg em *La Dolce Vita* (1960), sem, no entanto, igualar-se em magia ou glamour. Não há problema com a

excelente atuação de Nicole, mas a cena, embora bem elaborada, não é lírica, e seu personagem não alcança a estatura de mito que o de Anita parece alcançar sem nenhum esforço. No texto, o personagem de Nicole prefere estar na pele do homem, quer sair do pedestal que confere às musas o caráter indefectível. É mais realista.

A amante, antes interpretada por Sandra Milo, agora aparece na pele de Penélope Cruz. Suas cenas são bastante parecidas, desconsiderando a cena musicada em que Penélope dança. A atriz espanhola também tem ótima atuação, mas seu papel aparece com menor profundidade. Não se sabe nada de sua família (a não ser que tem um marido para o qual não dá importância). Vemos dela apenas sua paixão obsessiva por Guido, tentando até o suicídio para chamar sua atenção.

A mãe e o pai do cineasta em *Oito e Meio* são velhos e o pai tem seu destaque – após uma conversa, Guido o ajuda a entrar num buraco e em seguida despede-se da mãe num beijo confuso, que de materno se torna passional (além da figura da mãe se transformar nessa cena, na da esposa).

Em *Nine*, o personagem do pai é omitido e a mãe de Guido é atraente – interpretada não por uma senhora qualquer, mas por Sophia Loren. Seu personagem, imageticamente, lembra muito um personagem feminino de *Amarcord* (1973), uma mulher bonita chamada Grasdica, freqüentadora do cinema e da qual todos os meninos queriam se aproximar na sala escura para tirar algum proveito. A senhora mais maternal do filme é a figurinista Eleonora / Lili, interpretada pela genial Judi Dench, que, no original, tem uma passagem ínfima em uma das cenas. Lili funciona um pouco como a consciência de Guido, completamente desgovernado, à beira de um ataque de nervos durante quase todo o filme. O abismo de se realizar um filme, em uma obra e depois na outra, parece se distinguir. O Guido Anselmi interpretado por Mastroianni parece preocupado em dizer algo simples, mas importante. Já o Guido Contini interpretado por Jerry Lee Lewis, a julgar pelo conjunto da película, parece preocupado em dizer alguma coisa, mas de modo grandioso.

Completando o hall das mulheres escolhidas, há também Saraghina, a prostituta. Trata-se não apenas de uma figura grotesca – Saraghina era feia e gorda – como também mítica, representando, para aqueles meninos italianos, o sexo, a fertilidade, a abundância. Não por acaso, esse personagem residia

junto ao mar. Na versão americana, Saraghina, interpretada pela cantora pop Fergie, não é nem grotesca, nem feia, nem gorda. Muito ao contrário, é retratada como uma sensual devoradora de homens, perigosa. Sua dança na areia na versão original era mais ingênua, até um pouco cômica. Na versão atual, é estudada para seduzir, coreografada - como nos clipes musicais que exibem essas “musas po(p)asteurizadas” atuais.

Outros personagens de *Oito e Meio*, assim como algumas figuras muito presentes na obra felliniana, não foram considerados nesta homenagem. Sente-se falta do circo no filme de Rob Marshall. Nele, o espetáculo ficou por conta de um cabaré-meio-Brodway, onde as ruínas de Roma, no cenário ao fundo, são mero enfeite. Talvez, para tentar lembrar que se queria homenagear um cineasta italiano...

Pode-se entender porque Marshall tenha escolhido *Oito e Meio* para fazer a sua releitura e homenagem a Fellini, por ser um dos filmes mais apontados como auto-biográficos do diretor. Mas na tentativa de explicar o que Fellini apenas sugere e deixa no ar para sentirmos, acaba com sua poesia característica e corre o sério risco de interpretar mal aquilo de simples que Fellini gostaria de dizer.

Algumas transformações sofridas na “transposição” de *Oito e Meio* para *Nine*, justificam-se na tentativa de dar uma roupagem nova ao filme, imprimir um novo ritmo, mais rápido, ágil, na tentativa de atualizá-lo. Talvez Marshall quisesse seduzir um público mais jovem, que não viveu o período do cinema de Fellini para apresentar o cineasta italiano a esta geração. Imbuído desta intenção utilizou ícones da música pop da música ou do próprio cinema para chamar sua atenção.

A tentativa, em análise geral, gerou um resultado que se sobrepõe à obra felliniana, pela imposição da linguagem dos musicais, de um universo coreografado. O que se deseja com este filme – ou se espera - é que este seja apenas mais um ponto de vista da cultura norte-americana sobre Fellini e sua obra.

Referências:

Filmes envolvidos na análise:

FELLINI, Federico. **A doce vida**. P/B, 178 min, Itália-França, 1960.

_____ **Oito e Meio**, P/B, 114 min, Itália-França, 1963.

_____ **Amarcord**, Cor, 127 min, Itália-França, 1973.

MARSHALL, Rob. **Nine**. Cor, 118 min, EUA, 2009.

Escrito sobre Fellini:

ALPERT, Hollis. **Fellini, a life**. New York: Atheneum, 1986.

CALIL, Carlos Augusto. (org.) **Fellini Visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHANDLER, Charlotte. **Eu, Fellini**. São Paulo: Record, 1986.

DE SANTI, P. Marco. **I Disegni di Fellini**. Roma: Laterza, 2004.

FABRIS, Mariarosaria. "Federico Fellini: quase um auto retrato". Artigo de jornal publicado por **O Estado de São Paulo, Caderno 2/Cultura São Paulo**, 10/out/2004, p.6.

KEZICH, Túlio. **Fellini: uma biografia**. Porto Alegre: L&PM, 1992.

MARTINS, Luiz Renato. **Conflito e Interpretação em Fellini**. São Paulo: Edusp, 1994.

MOLLICA, Vincenzo. **Fellini!** Milano: Skira, 2004.

_____ **Fellini: Words and Drawings**. Trans. Nina Marino. Welland, Ontario: Editions Soleil, 2001.

PETTIGREW, Damien. **Eu sou um grande mentiroso**. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1995.

SALACHAS, Gilbert. **Federico Fellini**. Paris: Seghers, 1963.

Escrito por Fellini:

FELLINI, Federico. "Fellini nega que seus filmes sejam autobiográficos e diz inventar a vida". Entrevista ao jornal **El País**, republicada por **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28/jan/1990, pp. E-1, E-2.

_____ **Fellini por Fellini**. Edição de Christian Strich e Anna Keel. Trad. de J. A. Pinheiro Machado, Paulo Hecker Filho e Zilá Bernd, Porto Alegre: L&PM, 1983.

_____ **Fazer um Filme**. São Paulo: RCB, 2000.

_____ **Fellini!** New York: Thames & Hudson, 2003.

_____ **Entrevista sobre cinema realizada por Giovanni Grazzini**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

_____. **Conversations with Fellini**. Edited by Constanzo Contantini. San Diego; New York: Harcourt Brace & Company, 1996.

_____. **Fellini** / by Liliana Betti; translated from the Italian by Joachim Neugroschel. 1st Eng. language ed. Boston: Little Brown, c1979.

_____, KEZICH, T., BOARINI, V., MOLLICA, V. **Il libro dei sogni di Federico Fellini**. Milano: Rizzoli, 2007.

Referências gerais:

AGEL, Henri. **Estéticas do Cinema**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1957.

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. Papirus: Campinas, 1990.

_____. **El rostro en el cine**. Paidós: Barcelona, 1998.

_____. **O Olho interminável: cinema e pintura**. Cosac & Naify: São Paulo, 2004.

BARBARO, Umberto. **Elementos de Estética Cinematográfica**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A., 1965.

BETTON, Gerard. **Estética do Cinema**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BRAIT, Beth. **A Personagem**. 3. ed. Ática: São Paulo, 1987.

CÂNDIDO, A., GOMES, P. E. S., PRADO, D. A., ROSENFELD, A. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

EISENSTEIN, Sergei. **Reflexões de um cineasta**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1958.

_____. **O Sentido do Filme**. São Paulo: Jorge Zahar, 2002.

GEADA, Eduardo. **Cinema e Transfiguração**. Lisboa: Ed. Livros Horizonte, s.d.

GEADA, Eduardo. (org.) **Estéticas do Cinema**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1985.

SENELICK, Laurence. **Gordon Craig's Moscow Hamlet – A reconstruction**. Westport Connecticut: Greenwood Press, 1982.

STANISLAVKI, Constantin. **A Construção da Personagem**. 14^a ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

VIANA, Fausto R. P. **O figurino das renovações cênicas do século XX**. Tese de doutorado, São Paulo: USP, 2004.

Filmografia do diretor:

- FELLINI, Federico. **Mulheres e Luzes**. P/B, 93 min, Itália, 1950.
- _____ **Abismo de um sonho**. P/B, 85 min, Itália, 1952.
- _____ **I Vitelloni**. P/B, 103 min, Itália, 1953.
- _____ **A Estrada da Vida**. P/B, 94 min, Itália, 1954.
- _____ **Il Bidoni**. P/B, 104 min, Italia, 1955.
- _____ **As noites de Cabíria**. P/B, 110 min, Itália-França, 1957.
- _____ **A doce vida**. P/B, 178 min, Itália-França, 1960.
- _____ **A Tentação do Doutor Antônio**. P/B, 60 min, Itália-França, 1962.
- _____ **Oito e Meio**, P/B, 114 min, Itália-França, 1963.
- _____ **Julieta dos Espíritos**, Cor, 120 min, Itália-França, 1965.
- _____ **Toby Dammit**, Cor, 37 min, Itália-França, 1968. (episódio de *Histórias Extraordinárias*).
- _____ **Satiricon**, Cor, 138 min, Itália-França, 1969.
- _____ **I Clowns**. Cor, 93 min, Itália-França, 1970.
- _____ **Roma**, Cor, 119 min, Itália-França, 1972.
- _____ **Amarcord**, Cor, 127 min, Itália-França, 1973.
- _____ **Casanova**, Cor, 170 min, Itália, 1976.
- _____ **Ensaio de Orquestra**. Cor, 70 min, Itália-França, 1979.
- _____ **A cidade das Mulheres**, Cor, 145 min, Itália-França, 1980.
- _____ **E la nave va**, Cor, 132 min, Itália-França, 1983.
- _____ **Ginger e Fred**. Cor, 125 min, Itália-França-Alemanha, 1985.
- _____ **Entrevista**. Cor, 113 min, Itália-França, 1987.
- _____ **A Voz da Lua**. Cor, 118 min, Itália-França, 1990.

FILMOGRAFIA sobre o diretor:

- BACHMAN, Gideon. **Ciao, Federico!**. Cor, 55 min, Itália, USA, Suíça, 1971.
- BOSCO, Paquito Del. **Fellini: um auto-retrato**, cor /PB, 68 min, Itália, 2000.
- PETTIGREW, Damien. **Eu sou um grande mentiroso**, cor, 105 min, França-Itália-Inglaterra 2003.
- PICCINI, Carmen. **A Magia de Fellini**. Cor, Itália, 2002.
- SESTI, Mario. **A Última Sequência**. Itália, 2003.